

Enfrentar a crise

Con - Brasil

Não se pode ignorar a profundidade da crise que assola o País, ao mesmo tempo em que se observa que, depois da década perdida dos 80, estamos correndo o risco de repetir a amarga dose. A indústria brasileira, tão dinâmica algum tempo atrás, parece estar enfrentando hoje uma dramática paralisação, presente, aliás, em todos os setores, a ponto de levar a concluir que nos últimos anos somente a população cresceu, sem que isso tivesse representado, como seria de esperar, um suplemento de demanda. O caso da indústria automobilística é bem conhecido: estamos produzindo menos carros que no início dos anos 80, o que evidencia a queda do poder aquisitivo. Mas existem setores, que poderíamos chamar de mais essenciais, sujeitos a uma situação ainda mais dramática. Nesse cenário, convém certamente localizar as causas da involução da produção industrial, recusando, porém, as soluções milagrosas tendentes a corrigi-las e partir do princípio de que é da própria empresa que deve sair a solução para uma retomada do dinamismo. Nessa linha de raciocínio, os fatores exógenos à empresa só poderão ser bem aproveitados se a organização for sadia e apta a enfrentar a concorrência internacional.

Para ilustração dessa tese, pode-se examinar o caso de um ramo industrial que, além de atender às necessidades básicas de uma família, é um exemplo do êxito de uma política de substituição das importações: a indústria de "linha branca", ie inclui refrigeradores, freezers, lavadoras e outros artefatos semelhantes. Se levarmos conta a evolução da produção física de novos produtos mais importantes para o setor, ficaremos que, a partir dos

resultados atuais, a produção em 1992 não deverá ultrapassar 5,5 milhões de unidades, contra 7,2 milhões no ano passado, 7,4 milhões em 1989 e 5,3 milhões em 1980. Ora, entre 1980 e 1992, a população brasileira cresceu mais de 31 milhões. A situação é ainda mais dramática quando se examinam alguns produtos: a produção de refrigeradores, que era de 2,006 milhões em 1980, não deverá ultrapassar 1,450 milhões em 1992 e, no caso dos fogões, que podemos considerar um produto essencial, entre 1980 e 1992, o número caiu de 2,670 milhões de unidades para 2,313 milhões. Se as lavadoras de roupa automáticas podem constituir o símbolo da liberação da dona de casa, cumpre admitir que de 1980 a 1992 a condição feminina não melhorou muito no Brasil: o mercado interno, que absorvia 345 mil unidades em 1980, não absorverá, segundo a Abinee, 372 mil em 1992.

O que mais impressiona é a queda da demanda deste ano em relação ao ano passado, que não foi dos mais prósperos: a "linha branca" experimentou, no primeiro semestre, uma que-

da de 37,7%, que atingiu 44,5% no caso dos refrigeradores; 46,7% no dos freezers; 42,1% no das lavadoras de roupa e até 22,3% no dos fogões...

Sem dúvida, assiste-se a uma queda que encontra origem no declínio do poder aquisitivo da população e nas graves dificuldades (taxas de juro muito elevadas) que impõem as vendas através do crediário. Diante dessa queda da demanda que, no primeiro trimestre, levou as seis principais fábricas do setor a sofrer um prejuízo de Cr\$ 144,8 bilhões, equivalente a 63,5% das vendas líquidas, e isso depois de outro de Cr\$ 138,5 bilhões, em todo o ano de 1991, poder-se-ia pensar que a solução seria aumentar os salários para elevar o poder aquisitivo e reduzir a taxa de juros. Alguns poderiam sugerir, como no caso da indústria automobilística, uma redução da carga tributária. É possível a adoção dessas medidas, mas cumpre entender que se a indústria permanecer como está poderão se traduzir apenas por um aumento da taxa de inflação, ou seja, uma nova redução do poder aquisitivo. Com efeito, uma

violenta atenuação, hoje, da taxa de juro poderá determinar uma explosão de liquidez, com o lançamento de mais óleo à fogueira da inflação; um aumento salarial que não se traduza por um crescimento da produtividade será repassado, obrigatoriamente, aos consumidores finais.

A solução se encontraria, para todos os setores da indústria brasileira, em primeiro lugar, numa recuperação da rentabilidade, o que permitiria investimentos que fortaleceriam a produtividade; em segundo lugar, num remanejamento total do setor produtivo para redução dos custos de produção, com o que se ofereceriam produtos mais baratos nos mercados interno e externo. Hoje, a indústria da "linha branca", oferecendo seus produtos a um preço em dólares inferior ao de janeiro de 1991, conseguiu elevar consideravelmente suas exportações neste ano, renunciando, porém, a qualquer lucro, mas com a única preocupação de reduzir seus custos fixos... O que faltou à nossa indústria — isso não é privilégio dos produtores da "linha branca" — foram avanços na produtividade, não apenas para exportar mais como também para, diante de uma queda de poder aquisitivo decorrente de um necessário programa de ajuste, poder responder à crise a preço menor sem renúncia a uma razoável margem de lucros. Nestes dias, a procura de maior produtividade existe em todo o mundo e representa, por força da racionalização, um aumento do desemprego muito grande nos países industrializados. Trata-se de uma fase pela qual está passando o Brasil, o qual, entretanto, deve pensar que é preferível chegar logo a um ajuste interno a fechar uma empresa.

